



Vitrine Virtual - Aspectos e Práticas Corporais no *Grindr*¹

Oswaldo da Silva Vasconcelos²

Manuela do Corral Vieira³

Danila Gentil Rodriguez Cal⁴

Universidade da Amazônia

Resumo

O objetivo do artigo é analisar a utilização do aplicativo *Grindr*, utilizado como ambiente de sociabilidade gay, em relação às imagens dos perfis dos usuários, bem como os papéis sexuais do ativo e do passivo. Focamos nosso estudo em perfis localizados em Belém, que, apesar de possuir uma efervescência cultural gay significativa, ainda carece de locais específicos de sociabilidade, dado o número reduzido de locais, como aponta o Grupo Homossexual do Pará. A base teórica considera os conceitos de armário de Eve Sedgwick e armário ampliado de Richard Miskolci. Também nos baseamos na discussão sobre sexualidade e corpo de Michel Foucault, uma vez que as imagens dos corpos exibidos no *Grindr* são construídas historicamente e ambientamos nosso olhar no universo da cibercultura, que Pierre Lévy afirma ser o *locus* do ser humano que, conectado, viaja por oceanos de informações, técnicas e práticas, fazendo e desfazendo comportamentos e valores.

Palavras-chave: Cibercultura; Grindr; Sociabilidade gay; Corpo.

Login

No filme *Crash – no limite*⁵, em dado momento, um personagem ao comentar sobre a falta de sociabilidade em Los Angeles, diz: “é o sentido do tato. Numa cidade de verdade você anda... esbarra nas pessoas. Em *Los Angeles* ninguém toca em você. Estamos sempre atrás de metal e vidro. Estamos buscando uma resposta”. O ano era 2004, mas a constatação permanece contemporânea. A sociabilidade presencial,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho COMUNICAÇÃO, CONSUMO E SUBJETIVIDADE. Coordenação: Profa. Dra. Gisela G. S. Castro, do 5º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

² Mestrando e bolsista Capes do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA).

³ Doutora em Antropologia pela UFPA. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA).

⁴ Doutora em Comunicação pela UFMG. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA).

⁵ Filme estadunidense e alemão de 2004, dirigido por Paul Haggis.



aquela das mesas de bar, dos encontros de final de semana, das idas ao cinema, são cada vez mais raras, seja em *Los Angeles*, seja em qualquer outra grande cidade pelo mundo.

Pierre Lévy (2009) sustenta que as tecnologias do ciberespaço, que se misturam cotidianamente na sociedade, criam novos mecanismos e novos produtos que penetram nas diversas esferas da atividade humana, transformando não somente as relações em si, mas os indivíduos e também a forma como essas relações são encaradas e, por conseguinte, sustentadas. Nesse *boom* tecnológico trazido pela Internet, tendo os computadores, inicialmente, como únicos mediadores entre sujeitos que se relacionavam na rede, como sustenta André Lemos (2005), verificou-se uma profusão de novos dispositivos, tais como *smartphones*⁶ e *tablets*⁷, por exemplo, no auxílio rápido e eficaz na interação entre pessoas.

Os mecanismos tecnológicos disponíveis na atualidade são diversos e é praticamente impossível, para um número significativo de pessoas, imaginar um mundo sem esses dispositivos e, principalmente, sem internet. Especificamente em relação às formas de sociabilidade existentes na cibercultura, com um número crescente de pessoas, dia após dia (RECUERO, 2009a) a interagir, seja nas variadas redes sociais⁸, seja nos Apps⁹, é possível perceber o surgimento de uma nova “teia social digitalizada” (BENAKOUCHE, 2000, p. 39), na qual os objetivos principais podem ser reconhecidos como a troca de informações, as conversas, o aumento e a vivência do capital social do sujeito, a experiência da sociabilidade em novos cenários, ou nas demarcações como sendo da representação de todos: dos outros e de si; questões estas que, somadas, podem levar ao objetivo de estudo desta pesquisa: a conquista de novos relacionamentos amorosos e/ou sexuais.

⁶ Termo que significa “telefone inteligente” e é usado para designar uma nova linhagem de telefones celulares que possuem uma série de tecnologias integradas no mesmo aparelho.

⁷ Tipo de computador portátil, de tamanho pequeno, fina espessura e com tela sensível ao toque (*touchscreen*)

⁸ Recuero (2009b), define rede social como um conjunto de dois elementos: atores e conexões, que interagirão e criarão laços, fortes ou não.

⁹ App é a abreviatura de application, ou seja, aplicação. Aplicação essa que é instalada em dispositivos de comunicação.



É nessa mixórdia que surge, em 2009, o primeiro aplicativo voltado exclusivamente para a sociabilidade gay: o *Grindr*. Esse aplicativo foi criado na cidade de Los Angeles em virtude da escassez de locais de sociabilidade naquela cidade (MISKOLCI, 2013). Miskolci afirma que a cidade estadunidense, conhecida pela ausência de um centro específico de sociabilidade, dada sua grande dimensão e também por uma crescente privatização dos espaços públicos, além do heterossexismo, impedem a exposição de práticas homoeróticas.

A grande novidade do *Grindr* foi a utilização do GPS (*Global Positioning System*), que possibilitava, numa cidade com os problemas de Los Angeles, a criação de um ambiente de sociabilidade online, onde os possíveis parceiros pudessem ser localizados e as distâncias pudessem ser mostradas na tela do *smartphone*.

O aplicativo, originalmente foi criado para encontros sexuais e amorosos, nessa ordem, pois o estabelecimento de relações, para o estadunidense, como Miskolci (2013) afirma, é diferente do brasileiro, onde a sombra patriarcalista, heterossexista e familista atua como um marcador, uma referência para o estabelecimento de relações, seja com a intermediação de aplicativos de sociabilidade ou não.

A partir desse contexto teórico, podemos apreender que, no uso do *Grindr* pelo brasileiro, há a edificação de uma cultura do desejo pelo corpo, onde partes consideradas significativas são tomadas como essenciais, que por sua vez precisam estar em consonância com a postura adotada online, como o comportamento hetero, de macho, em oposição ao comportamento considerado desviante, o que Judith Butler (1999, p. 51) chama de “congruência fictícia de sexo”, que resvalará para as performances que são travadas ali e que têm por objetivo convencer o outro. Mauss, entretanto, sinaliza que os sujeitos assemelham comportamentos e construções corporais com o objetivo de lograr êxito rumo ao prestígio, mas que isso não ocorre de maneira consciente, dada que a imitação é algo que vem de fora para dentro, e não o contrário, como comumente é pensado. Dessa forma, em nosso estudo, entendemos que o significado que o *Grindr* ganhou mundo afora, incluindo o Brasil, onde os



corpos jazem enfileirados e em constante movimento pela tela do *smartphone*, é algo diferenciado¹⁰, se levarmos em conta os fatores sociais e culturais aí envolvidos.

Oi, Quer Tc?

“Tá afim de uma pegação entre machos, sem frescuras e no sigilo?” é dessa forma que Macho¹¹, usuário de 28 anos, inicia um diálogo comigo¹². A frase, preservadas as devidas especificidades, é comum nos aplicativos de sociabilidade gay usados em Belém, notadamente no *Grindr*. A mensagem, direta e limitadora, impõe as três funções básicas do objetivo desse estudo: a prática sexual, a masculinidade e o anonimato.

A cidade de Belém (PA), segundo o IBGE (2014), é a 11ª cidade mais populosa do país, e a segunda da região Norte. Ainda de acordo com o órgão, o aumento demográfico verificado na capital é ascendente em todos os levantamentos feitos até então. De acordo com Galvão e Correa (2015), o aumento populacional sempre em elevação, provoca uma verticalização urbana notável, onde pode ser percebida uma segregação tanto habitacional, quanto social, pois a elitização verificada provoca o aparecimento de guetos urbanos de sociabilidade.

O ciberespaço vem preencher, de maneira virtual, os espaços de sociabilidade que a cidade não materializou (Lemos, 2005), criando, seja através de aplicativos, sites de relacionamentos e redes sociais, comunidades virtuais, onde o cidadão, agora na função de internauta, exemplifica sua condição de sujeito pós-moderno e onde, também, projeta, como afirma Lévy (2009), um ciberespaço pautado na melhoria constante da comunicação entre pessoas e lugares.

¹⁰ A Kantar Worldpanel, empresa que monitora o mercado consumidor, divulgou um estudo no qual afirma que no ano de 2013 houve um “boom” dos smartphones no Brasil, creditando esse aumento ao barateamento dos produtos e também ao poder de compra de muitos brasileiros, que se elevou nos últimos dez anos. Mais informações em: <http://www.kantarworldpanel.com/br>

¹¹ Procurando preservar a identidade dos entrevistados, não usarei seus respectivos nomes, substituindo-os por nicknames bastante usados por diversos usuários na rede, que dentro da lógica desse estudo, reforçam aspectos da heterossexualidade.

¹² Definimos pela manutenção da primeira pessoa do singular em razão da pesquisa de campo ter sido conduzida por Osvaldo Vasconcelos. As demais autoras contribuíram com novas perspectivas teóricas e analíticas a partir do caso e das histórias levantada pelo primeiro autor.



É na cibercidade, enquanto resultado da combinação entre a cibercultura e das vivências e experiências da cidade, (LEMOS, 2005) que a sociabilidade gay, tecida no universo virtual, mostra a vitalidade que não é percebida na cidade, exemplificado aqui nesse estudo, em Belém. Para melhor entendermos as lógicas que regem a sociabilidade existente no aplicativo, foram entrevistados 20 usuários, divididos em: 10 assumidamente ativos e 10 assumidamente passivos. Entretanto, num recorte específico, selecionamos 4 usuários, dois de cada grupo, pois no universo das entrevistas feitas, esses foram os que mais contribuíram para o presente estudo.

Quadro 1. Detalhamento entrevistados

Entrevistados – apelido	Preferências explicitadas no aplicativo
Macho (28 anos)	Homens másculos voz grave
Brother (22 anos)	Homens discretos, sem afetação e fora do meio
Parça (23 anos)	Homens malhados, com barba, ativos e sem afetação
Viril (23 anos)	Homens ativos

As entrevistas ocorreram totalmente online, ora no *Grindr*, ora no *Skype*¹³, no período de fevereiro a maio de 2015. O tempo de cada entrevista variava de um usuário para outro, ficando numa média de 40 minutos. Os critérios adotados para a seleção dos entrevistados priorizaram aspectos da imitação prestigiosa de Mauss (1974) no tocante ao corpo e ao uso deste na construção de algo a ser atingido, pois no *Grindr* alguns detalhes foram observados: uso, no perfil, de fotos que destacassem ou o peito, ou o abdômen, ou os braços, ou as costas, partes que verificamos serem muito valorizadas, posto que são comuns nos perfis; e o registro, também no perfil, da preferência sexual do usuário em “ativo” ou “passivo”. Descartamos o “versátil¹⁴”, por motivos que explicaremos mais adiante. Os quatro entrevistados, de acordo com as informações prestadas, ou têm formação superior concluída, ou estão em vias de.

¹³ Aplicativo de mensagens instantâneas e conversas por vídeo.

¹⁴ Indivíduo que prefere ser, durante o ato sexual, tanto ativo, quanto passivo.



Afirmam ser de classe média e “fora do meio”¹⁵. Todos dizem morar em Belém (PA) e sabiam previamente da realização da pesquisa. Contudo, mesmo tendo os quatro participantes como foco, foi observado, também, diversos outros perfis, pois mesmo dentro do recorte feito por nós, a fluidez de corpos expostos é constante e significativa para o entendimento de diversos outros aspectos dessa pesquisa.

Para este estudo, foi criado um perfil no aplicativo, sem nome, apenas com uma foto de rosto, e depois de alguns contatos iniciais, percebi que a abordagem seria mais profícua se fosse de uma observação participante. Esse método foi o mais adequado, pois sempre que se iniciava um diálogo com algum usuário, era preciso explicar minha condição de pesquisador, informação que em inúmeras oportunidades vinha acompanhada de palavras indelicadas, seguida por uma impossibilidade de contato, pois o usuário havia bloqueado meu perfil. Diante de tais obstáculos, mudei a estratégia, indicando minha condição de pesquisador somente após ter estabelecido contato. Essas normas, rígidas e severamente punidas em caso de violação, me possibilitaram transitar com cuidado na hora de iniciar um novo diálogo, considerando a importância de respeitar e operar com determinadas informações que precisam de tempo para serem inseridas. Sempre que eu afirmava ser um pesquisador, após termos estabelecido contato e recusar peremptoriamente qualquer outro tipo de envolvimento, seguia-se uma pausa relativamente longa na conversa, mas após isso, movidos por curiosidade, segundo muitos afirmavam, o contato era restabelecido. Seguindo os caminhos trilhados por Marisa Peirano (1999), fiz da minha presença no aplicativo algo próximo ao aventureiro que só quer “jogar conversa fora, para extrair o máximo de informações sobre o *modus operandi* de dado grupo e de dada pessoa” (PEIRANO, 1999, p. 71).

A escolha por não adotar um nome não causou problema algum, pois descobri de imediato que um nome é dispensável quando se tem uma foto de rosto. Simmel (1999) qualifica o cerne dos círculos sociais enquanto factíveis, ou seja, são oriundos

¹⁵ Estar fora do meio, de acordo com eles, é não frequentar boates, bares LGBT, nem possuir amigos assumidamente homossexuais.



das diversas liberdades do indivíduo, mas, contraditoriamente, inflexíveis, posto que os atores envolvidos na estrutura social de dado círculo lançam mão de suas posições para tecer a organização interna, a ambientação, tudo girando em torno da relação face a face. Sendo assim, escolhi uma fotografia onde meu rosto ficava visível, mas também as tatuagens que tenho nos ombros, para que meu papel ali não soasse tão incongruente e também sabendo que tatuagens são chamativos para diálogos. Feito isso, rapidamente as conversas foram acontecendo. Os números azuis, que aparecem na parte superior do aplicativo sempre que alguma mensagem chega, como pode ser observado na figura 1, foram constantes. Contudo, muitos desses diálogos eram descartados, pois os perfis, além de não preencherem os requisitos básicos adotados por nós, havia a recusa do contatado não querer fazer parte da pesquisa.

Figura 1: interface do *Grindr*



Fonte: *print screen* do aplicativo no sistema operacional Android

O Que Curte?

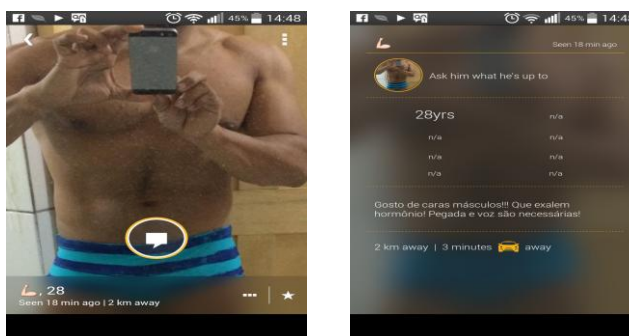
Macho, o primeiro entrevistado, é publicitário. Iniciou contato comigo e sem cerimônia disse ser “100% ativo e muito macho”. Como resposta a essa afirmação, respondi que estava conversando, vendo a movimentação. Ao afirmar ser ativo de pronto, o usuário marca território. Em suas fotos de perfil, como podem ser percebidas nas imagens 2 e 3, podemos visualizar detalhes de como a sociabilidade é pautada no *Grindr*. A preferência de Macho por homens “ másculos”, “que exalem hormônio”, e que tenham “pegada e voz”, aliadas à exposição de partes do corpo consideradas atraentes para boa parte dos usuários, dizem muito além do que se pode inferir, não somente acerca desse entrevistado, mas também de muitos outros usuários



do aplicativo, dado a grande quantidade de imagens de partes do corpo e do detalhamento no perfil por tais características.

É preciso levar em consideração que os corpos que aparecem nos perfis de modo a atrair outros usuários, independente de objetivos finais, têm um passado, uma história. Macho, ao relatar sobre os motivos da exibição da foto de sunga e com os músculos à mostra, como é percebido na Figura 2, afirma que “os caras gostam de ver, piram num peito duro, numa barriga chapada, aí fica mais de boa arranjar uma trepada, parceiro”.

Figuras 2 e 3: Frente e verso do perfil de Macho



Fonte: *print screen* do aplicativo no sistema operacional Android

Michel Foucault (2011), discorrendo sobre a história do corpo, afirma que “nada no homem – nem mesmo seu corpo – é bastante fixo para compreender outros homens” (p. 27). Nesse sentido, como as imagens de partes corporais ilustrando perfis no *Grindr* são comuns, podemos fazer inferências. Ao lançar mão desse recurso claramente chamativo, os usuários buscam na superfície da pele, na prática do *bodybuilding*¹⁶, um acesso facilitado ao corpo do outro, naquilo que Jean-Jacques Courtine (2005) chama de “músculo-espetáculo”. Para esse autor, os homens narcisistas que habitam os seios das grandes cidades, principalmente, são notáveis

¹⁶ A prática do *bodybuilding*, também conhecido como *Culturismo*, tem como principal meta, aperfeiçoar a estética corporal, o usuário fazendo uso intensivo de pesos, aparelhos de musculação e halteres. Para um estudo aprofundado, vide Goés (1998).



pelas características que partilham, como corpos “inchados, (...) bronzeados, cuidadosamente depilados e lubrificados” (COURTINE, 2005, p. 83).

Ao entender o corpo como o elo entre as pessoas, principalmente no tocante à interação entre elas, Paul Rabinow (1999) destaca que o cerne da interação sempre atravessará o campo “sagrado e transformará o ator racional” (p. 160), dentro da lógica do mercado, tanto das trocas restritamente simbólicas, quanto das práticas afetivas. Desse modo, a encenação entre os corpos expostos no *Grindr* é facilitada tanto por quem se expõe, como por quem recebe a exposição, transformando-os em atores, como salienta Rabinow ao analisar a biossociabilidade, a entreter o objetivo maior: um corpo em travessia.

Para Macho, bem como para os demais entrevistados, um corpo construído com musculação é fundamental na hora de buscar um parceiro sexual, pois isso define algumas coisas que, aos olhos deles, os diferenciam dos demais homossexuais, principalmente em Belém¹⁷, pois ao reclamarem dos limites geográficos da cidade e do fato de as pessoas sempre se esbarrarem nos poucos locais de sociabilidade, eles entendem que a prática da musculação os separa dos homossexuais “que dão pinta, falam como gato miando de madrugada e usam calça *skinny*”, como ressalta Macho. Praticar musculação, ter voz grave e vestir-se como um heterossexual são características partilhadas pelos entrevistados para que alguém passe despercebido dos olhos condenatórios e também não seja confundido com um homossexual. Ainda mais numa cidade, como afirma Macho, “pequena e careta”.

Tem Foto de Rosto?

Brother, estudante do curso de Direito, 22 anos, ao ser questionado sobre a aparente incongruência de afirmar em seu perfil não querer mostrar o rosto, mas sua primeira frase ser justamente um pedido de foto de rosto, diz que “é mania mesmo.

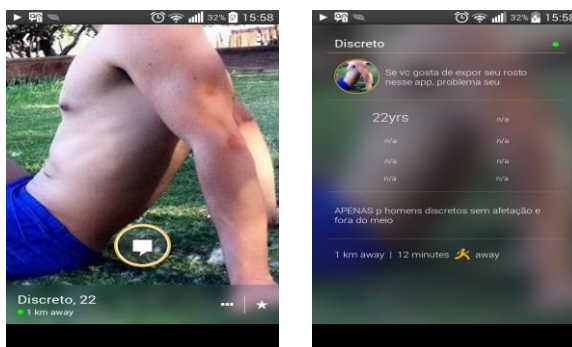
¹⁷ Tanto na fala dos entrevistados, bem como nas de muitos homossexuais que interagem na sociabilidade gay na cidade de Belém, é corriqueiro o fato de haver poucos locais de sociabilidade, como boates e saunas, por exemplo, transformando os frequentadores [alvos sempre em exibição], o que acaba comprometendo aqueles que evitam exposição excessiva, ou que preferem uma variedade maior de pessoas para interagir.



Gosto de ir logo pra cam [câmera], mas sem mostrar o rosto. Belém é um ovo, né?”. O rosto, catalisador da identidade do indivíduo, é preservado, pois além de descortinar aquele que prefere o anonimato, ainda denuncia para os outros aquela homossexualidade mantida no armário. Especificamente no tocante à cidade de Belém, destacada pelo entrevistado como “ovo” [pequena], expor uma foto de rosto no perfil ou mostrá-la logo de pronto para alguém que ainda não se criou confiança, é a mesma coisa de assumir publicamente algo que se quer esconder e, como conclui Brother, “ser apontado como viadinho no Mormaço ou no Palafita¹⁸”.

As artimanhas utilizadas para a troca de fotografias, passo inicial para uma conversa mais prolongada, com o uso, inclusive, de *WebCam*¹⁹, perpassará pela forma como o Outro se expressará. As palavras de Brother sobre isso é elucidativa, pois ressalta que “a cam tem fone e o papo por voz nunca falha. Cara, viadinho se denuncia logo”. Nesse ponto, é percebido que a fotografia usada no perfil é usada como engodo para atrair o Outro, mas não garante contato, pois “foto tem filtro, mano, malandro não se cria comigo, quero vídeo, quero áudio”.

Figuras 4 e 5: Frente e verso do perfil de Brother



Fonte: *print screen* do aplicativo no sistema operacional Android

Afim de Uma Pegação no Sigilo? Atv, Pass ou Vs?

¹⁸ “Mormaço” e “Palafita” são dois bares, localizados no bairro da Cidade Velha, em Belém, mas que não são destinados ao público homossexual, embora esse público seja bem significativo nos dois lugares.

¹⁹ Câmera de vídeo de baixo custo, embutida em notebooks, smartphones ou acessórios, que capta imagens e as transfere para um computador.



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

A ideia de não se parecer com os estereótipos de homossexuais facilmente identificáveis, segundo eles, por serem desprovidos de voz grave e músculos evidentes, os coloca dentro do que Eve Sedwick (2007) classificou como *armário*. Para ela, o armário é de suma importância para os gays, pois ele representa a maior característica daqueles que não querem perder sua vida social, mesmo essa vida sendo praticada no anonimato. Basta uma rápida conferida nos perfis do *Grindr* para se perceber como a lógica do armário funciona. A maior parte dos usuários oculta sua face, preferindo expor determinadas partes do seu corpo, como se o corpo assumisse a identidade daquele ser.

A escolha pela não exposição do rosto traz consigo uma miríade de implicações, uma já ressaltada, que é ser apontado na cidade como homossexual, dada a visão micro que muitos usuários têm de Belém. Contraditoriamente, é perceptível, em diversos perfis, a exigência da foto de rosto, como uma espécie de senha para iniciar um contato, fato que nos remete às heterotopias de Foucault (2013), notadamente no seu quinto princípio, quando este classifica o acesso a determinada alocação mediante a exigência de permissões, tal e qual os “ritos e as purificações”. Mas o autor salienta que passar pela exigência inicial não se quer dizer incluído, muito pelo contrário, pois essas heterotopias são comumente avaliativas, bem ao propósito do aplicativo aqui analisado, uma vez que no *Grindr*, os usuários iniciam os procedimentos de acesso com a exigência da fotografia, passam pela masculinidade, como ressaltado pelos dois entrevistados anteriores e que é ratificado por Parça, biólogo de 23 anos, com uma novidade em sua descrição. A possibilidade, entre muitas outras, de ter um relacionamento sério, tece a rede de estratégias por ele definida como “a vida é curta e tô aqui pra analisar propostas”.

A lista de exigências de Parça, por mais diversificada que seja, aponta para uma expansão da noção de armário, já destacada por Miskolci (2009), quando este destaca que o armário, pensado por Sedgwick (2007), ganhou reverberações no momento que a busca por relações duradouras na cibercultura exige o anonimato do Outro, pois se Eu estou resguardado, exijo que o Outro também esteja.



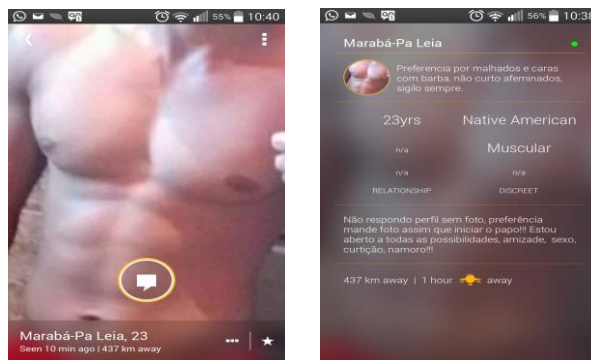
COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

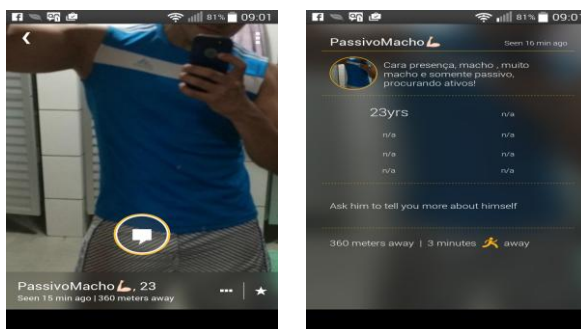
Figuras 6 e 7: Frente e verso do perfil de Parça



Fonte: *print screen* do aplicativo no sistema operacional Android

“Quando o cara diz que é versátil, caiu logo fora. Sabem que ele é bicha e dá pinta, muita pinta. Certeza, cara”. É assim que Viril, geólogo de 23 anos, responde quando indagado sobre não querer se relacionar com os declaradamente versáteis, ou seja, aqueles que optam por ser tanto ativo, quanto passivo durante uma relação sexual. Em relação a esse aspecto, Parker (2002), ao analisar a cultura do machismo, não somente no Brasil, mas em toda a América Latina, aproxima essa lógica ao capitalismo reinante, pois os papéis sexuais estão na traseira dos valores simbólicos. Nesse sentido, o autor destaca que “ser ativo” e “ser passivo”, são ápices de uma construção de gênero, ficando a “versatilidade” no campo marginal, como se esses praticantes fossem párias, sujeitos com insígnias que denotam sua confusão sexual.

Figuras 8 e 9: Frente e verso do perfil de Viril



Fonte: *print screen* do aplicativo no sistema operacional Android



Possuir postura máscula, de “macho”, mas ser passivo e procurar somente ativos, em nada denigre a condição de “muito macho” de Viril, pois este afirma que “ninguém diz que sou gay, cara, falo grosso e não ouço Madonna, nem vejo *Looking*²⁰”. Ao deslocar sua imagem de ícones do universo gay, como a cantora Madonna, símbolo notável da cultura homossexual global, atesta para o entrevistado uma espécie de *habeas corpus*, livrando-o de ser comparado aos demais homossexuais que adotam tais gostos, ou, como afirma Thürler (2011), dentro da sociedade brasileira, em que os corpos e mentes estão curvados diante da racionalidade do desejo, os corpos das “masculinidades precárias” são monitorados, percebidos demais pelo olhar condenatório, a partir do qual o homem, desde a mais tenra idade, é forçosamente testado ante os aliciamentos que questionem sua virilidade. O homem jovem busca desesperadamente destruir todos os traços de uma provável misoginia, isso nada tendo a ver com sua prática sexual, pois dentro desse raciocínio, a aparência antecede a essência.

Considerações

O universo do ciberespaço propiciou a criação de novos sentidos e significados, pois se configura simplesmente como uma roupagem daquilo que já existia. A constituição de ambientes virtuais, nos quais vozes tradicionalmente pouco audíveis ganham espaço e expressão. O mesmo ocorrer com os desejos que essa mesma cidade confina nos logradouros, impedindo, por diversos obstáculos estruturais e culturais, que pessoas possam encontrar a si e aos outros. Desse modo, formas de sociabilidade amparadas nas novas tecnologias são criadas em contraposição aos impedimentos que o cotidiano urbano impõe a grupos e a indivíduos postos à margem. Isso ocorre porque, a partir do momento em que os usuários se apropriam das novas tecnologias para criarem múltiplas possibilidades de contato, de laços, de prazeres. O *Grindr*, aplicativo aqui analisado, primeira heterotopia (Foucault, 2013) institucionalizada para universo gay, ratificou a modernidade do Ser homossexual, indivíduo que historicamente se caracterizou pela

²⁰ Série de comédia dramática, da HBO, sobre três amigos gays que vivem em São Francisco.



reinvenção, respondendo à subalternização com a mesma gana que é afrontado, sendo ou não “discreto”, “ativo”, “passivo”, “versátil”, “fora do meio”, desfruta das possibilidades trazidas pela cibercultura, problematizando mais que uma simples práxis comunicacional.

Navegando pelo dilúvio da cibercultura (Lévy, 2009), pudemos analisar que a Internet e suas embarcações, aqui representadas pelos aplicativos de sociabilidade, não se enquadram na máxima de que ela, Internet, é uma “terra sem lei”, o paraíso dos anônimos, o lugar onde cada um pode ser o que quiser, pois nos hiatos das ações e das intenções, pode-se perceber os pedaços das vidas e identidades que alimentamos simulacros, seja aqueles camuflados por fotografias adulteradas por camadas nem sempre generosas de filtros embelezadores, seja por frases que idealizam *personas* desejosas pela singularidade do ser. Pudemos perceber, enfim, que independente dos esforços gastos na busca incansável por anonimato nos perfis estudados no *Grindr*, os rastros da identidade original, daquela que se quer fugir (e/ou se distanciar), estão sempre presentes ainda, guardadas, mesmo que muitas vezes a vida virtual seja a mais popular, a mais usualmente mostrada.

Referências

BENAKOUCHE, Tamara. **Educação a distância (EAD):** uma solução ou um problema. XXXIV Encontro Anual da ANPOCS. Petrópolis, RJ. 2000. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/conpedi.pdf>. Acesso em 26/05/2015.

BUTLER, Judith. **Inversões Sexuais.** In: Passos, I. (Org). Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas na atualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.90-108.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Contagem Populacional. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/popul/d...> Acesso em: 18/06/2015.

COURTINE, Jean-Jacques. **Os Stakhanovistas do Narciso:** Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Políticas do corpo: elementos de uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

FOUCAULT, Michel. **De espaços outros.** Estudos Avançados vol.27 nº 79 São Paulo 2013.



_____. **História da Sexualidade I: a vontade do saber.** Rio de Janeiro: Graal, 2011.

GALVÃO, Rodrigo Fraga & CORREA, Rosália do Socorro da Silva. **Belém. PA: mudanças na urbanização da metrópole amazônica.** Chão Urbano, Ano XV, nº 2, Março/Abril 2015.

GOÉS, Fred. **Em nome do corpo.** São Paulo: Ed. Rocco, 1998.

LE MOS, André. **Cibercultura e Mobilidade: A Era da Conexão.** In: XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2005. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1465-1.pdf> Acesso em: 10/05/2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 2009.

MISKOLCI, Richard. **Desejo e Mídia.** [19/11/2013]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RgBYhARnhJY>. Acesso em: agosto de 2014. Entrevista concedida ao programa Diálogos, da TV UNESP.

_____. **O armário ampliado** - notas sobre sociabilidade na era da internet. Gênero, Niterói: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG, v. 9, n. 2, p. 171-190, 2009.

PARKER, Richard. **Abaixo do Equador.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

RABINOW, Paul. **Antropologia da razão.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

RECUERO, Raquel. **Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet.** Revista da Famecos, Vol. 1, No 38, 2009.

_____. **Em busca das "Redes que importam": Redes Sociais e Capital Social no Twitter.** Revista Líbero, Vol. 12, No 24, 2009.

SEDGWICK, Eve. **Epistemologia do armário.** Cad. Pagu. v 1, n.28, p.19-54, 2007.

THÜRLER, Djalma. **Masculinidade precária.** Revista de artes e humanidades, nº 8, Mai/Out 2011.